

Antes tarde que nunca

DF
A abertura do II Seminário de Cultura do DF mostrou que parece encerrado o tempo da apatia

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

A solenidade de instalação do II Seminário de Cultura do DF-Primeira Fase no Centro de Convenções foi assistida, na noite da última quinta-feira, por 273 pessoas inscritas até as 20h30. Com a chegada de 75 planaltinenses — uniformizados com camisetas em defesa da instalação do Pólo de Cinema e Vídeo naquela satélite — o número de inscritos subiu para 304. Ou seja, no meio dos manifestantes de Planaltina, 31 comprovaram militância e/ou atividade cultural.

Como a maioria absoluta dos participantes deixou para se inscrever pouco antes do início do Seminário, a sala de espera dos auditórios ficou abarrotada. Este fato acarretou atraso de 80 minutos no início dos trabalhos, previsto para às 18h00.

A coordenadora-geral do evento, Maria Duarte, abriu o Seminário, compondo a mesa com o secretário de Cultura, Márcio Cotrim; a diretora-executiva da Fundação Cultural, Maria Luíza Dornas; o presidente do Conselho de Cultura do DF, Tetê Catalão; os conselheiros Chico Morbeck e Jorge Antunes (integrantes da Comissão Organizadora) e os deputados Geraldo Magela e Carlos Alberto, os únicos que atenderam ao convite feito a toda Assembléia Distrital. Pedro Celso não compareceu, mas mandou saudação por escrito aos participantes do Seminário, desejando "pleno êxito aos debates e decisões da comunidade cultural brasileira".

O secretário Cotrim foi rápido em seu discurso, pois "tinha que representar o governador Roriz numa solenidade". Usou seus poucos minutos disponíveis para lembrar seu "empenho em aproximar o Estado da Comunidade Cultural, atuando da forma mais aberta e transparente possível".

Tetê Catalão analisou o passado e o presente do movimento cultural brasileiro (veja box) e ponderou sobre a necessidade dos candidatos (ao final do Seminário, domingo à tarde, serão eleitos quatro membros-titulares e dois suplentes do Conselho Deliberativo da FCDF) se apresentarem ao eleitorado para mostrar propósitos e visão do processo cultural. A proposta foi aprovada pela plenária.

Pólo de Cinema — A coordenadora dos trabalhos, Maria Duarte, passou a palavra ao deputado Geraldo Magela, que propôs a formação



Com a presença maciça das cidades-satélites a abertura do II Seminário supera as expectativas de público: debate e eleição

de Comissão Especial, dentro do Seminário, para estudar o Pólo de Cinema e Vídeo do DF. A esta Comissão — que foi aprovada — caberá "estudar a questão do Pólo dentro de visão ampla, ou seja, pela perspectiva do movimento cultural como um todo e não apenas do ponto-de-vista dos produtores e realizadores de cinema e vídeo". Mas, deixou claro o parlamentar, "o documento elaborado pelos cineastas e videastas brasileiros, com assessoria de parlamentares (à frente, Carlos Alberto, Geraldo Magela e Agnelo Queiroz) deve servir como texto básico, fonte de reflexões". A proposta se concluirá com a elaboração de novo documento que será encaminhado, na segunda-feira, aos 24 parlamentares que compõem a Câmara Distrital. Com o entusiasmo demonstrado pela "horda planaltinense", a Comissão Especial deve render muitos frutos.

O deputado Carlos Alberto destacou "a importância de se lutar por uma sociedade mais justa" e, conse-

qüentemente, "pela democratização dos meios de comunicação de massa". Este aliás, será tema de palestra que ele fará amanhã (10h00) e de grupos de estudo (por linguagem artística) que se reunirão ainda no domingo.

Antes de passar a coordenação do Seminário ao conselheiro B. de Paiva (que será assessorado por Jefferson Paz, de Sobradinho; Divino Gomes Dias, do Gama, e Djaci Oliveira, de Ceilândia), Maria Duarte fez questão de "dividir os erros" de organização do evento entre todos seus patrocinadores (o Conselho de Cultura do DF, os Conselhos Regionais e a Secretaria de Cultura e Esporte). "Houve falhas, e muitas ponderou", mas na próxima quinta-feira, às 18h00, vamos nos encontrar na Sala Pompeu de Souza, no Anexo do Teatro Nacional, em reunião pedagógica, para avaliação capaz de nos levar a acertar mais na segunda etapa de Seminário (marcada para o final de julho ou começo de agosto)".

Até madrugada — Sob coordenação de B. de Paiva, os seminaristas passaram a discutir o Regimento Interno e o Regimento Eleitoral.

Entre as decisões tomadas, as mais importantes são: 1 — os candidatos a membros-titulares e suplentes do Conselho Deliberativo (em nome da comunidade) não podem ocupar cargo-de-confiança em nenhum organismo do GDF; 2 — nenhum membro do Conselho de Cultura do DF pode disputar vaga no Conselho Deliberativo (os integrantes dos Conselhos Regionais podem concorrer, por pertencerem a "instâncias diferenciadas").

A Comissão Eleitoral será presidida por Fátima de Deus, que atua na FBT (Faculdade Brasileira de Teatro). Terão direito a voto os seminaristas inscritos até às 20h00 de ontem (a plenária aprovou mais um dia de inscrições, devido à "péssima divulgação do evento"), que comprovarem ação cultural e 75% de frequência.

No primeiro dia de trabalho, artis-

tas e animadores culturais oriundos das satélites eram visivelmente majoritários. Inicialmente, previa-se representação nas seguintes proporções: 60% das satélites e 40% do Plano Piloto. Hoje, a empresa Grupo Jovem de Brasília (responsável pela infraestrutura) apresentará o balanço definitivo. Estes dados são relevantes na medida em que, nos bastidores, fala-se "num pacto das satélites, historicamente preteridas, para eleger a maioria dos membros do Conselho Deliberativo".

□ **II Seminário de Cultura do DF — Atividades hoje e amanhã, das 9h00 às 18h00. No Auditório Burti do Centro de Convenções. Hoje — Tema geral "Espaços, Equipamentos e Informação". Palestrantes: Pedro Braz, de SP, Marcus Lontra, do MAM-Rio, Teixeira Coelho, da USP; Tetê Catalão, e Maria Duarte, do CCDF; Márcio Cotrim e Denise Menezes (SCE-DF). Amanhã: palestras de Geraldo Magela (Lei Orgânica) e Carlos Alberto (Regionalização). As palestras são abertas a todos os interessados.**

A resistência é hoje organização

O presidente do Conselho de Cultura do DF, Tetê Catalão, o único palestrante da primeira noite do Seminário, analisou a história da cidade em seus movimentos culturais, com a intenção de situar "a organização para resistir" e "a organização comunitária", que "hoje cria novas normas de relacionamento com o Estado". Enfatizou "a necessidade de uma política não-intervencionista por parte do governo, uma construção solidária capaz de dar condições ao experimentar e ao acontecer da comunidade artística". Em síntese: "O Estado com instrumentalizador do fazer".

Tetê dirigiu apelo aos artistas no sentido de que "não percam a visão do conjunto para o contentamento particular com verbas distribuídas feito migalhas, como tráfico de influência". Citou o exemplo do "literato que luta para publicar seu livro. (o que é extremamente justo) mas, às vezes, não luta pela construção de uma biblioteca pública (onde o seu livro poderá chegar a mais gente)".

Em sua palestra, Catalão reforçou a defesa do que chama de pequenos circuitos de ensaio, descentralizando equipamentos, permitindo acessos a espaços intermediários para a maturação do produto. Neste aspecto, ele entende que "a discussão da regionalização da Cultura tem que passar por novas leis. Leis menos repressoras na ampliação da voz e da informação cidadã: as rádios comunitárias e TVs educativas".

Como proposta final, citou a urgência em se rever "os labirintos burocráticos e administrativos dos órgãos do governo", para que "se consiga uma sintonia entre o pulsar da criação e a sua produção". Como exemplo, citou a "tragédia que é montar espetáculos e tentar receber depois". Como definição básica no entendimento entre Cultura e Estado solicitou reflexão para "a Cultura como processo vivo e permanente, independente de seu aspecto eventual" e que "a obra de arte, quando financiada pelo Estado, procurasse algum tipo de extensão e desdobramento educacional (oficinas ou palestras) junto a outros públicos, para que a cidade potencial entrasse em trabalho de parto".

Fotos: Edson Gês